



Carta pastoral

Transmitemos a esperança

Dom Charles MOREROD OP

*23 de março de 2025
3.º Domingo da Quaresma, Ano C*

Na vida da Igreja universal, e portanto também na nossa, dois elementos marcam a atualidade: o Ano da Esperança e o processo sinodal que continua. Porquê esses dois elementos? Porque a Igreja está num momento decisivo, no qual deve levar a sério a questão de Jesus: "Quando o Filho do Homem vier, encontrará fé sobre a terra?"¹ Certamente, colocamos essa pergunta em relação com a promessa de Jesus: "E eu estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo"². No entanto, esta última frase se insere num chamado à ação dos discípulos, e temos uma responsabilidade a assumir.

O Papa escolheu a esperança como tema para este Ano Santo porque ela é um elemento essencial da vida cristã e porque o nosso mundo precisa desesperadamente dela. E quem anuncia uma esperança credível na nossa sociedade? Podemos falar de esperança porque a Igreja não fala apenas de Jesus Cristo, mas celebra a sua presença.

Quanto ao processo sinodal, fiquei feliz que quase 1.000 pessoas se tenham reunido em fevereiro na nossa diocese. No entanto, isso também levanta uma questão: o objetivo é reunir a comunidade cristã, mas uma grande maioria parece não se interessar. Por quê? Dois fatores são centrais: muitos não vêem a vida cristã como algo ligado a uma comunidade que os concerne, e muitos pensam que nesses encontros se fazem discursos incompreensíveis (como o próprio termo "processo sinodal").

Primeiro, os discursos incompreensíveis. Há muito tempo se fala em crise na transmissão da fé. Isso é um fato, embora também seja verdade que o número de pessoas que descobrem a Igreja tem vindo a aumentar significativamente (como demonstrou a recente participação nas missas da Quarta-feira de Cinzas). Segundo um processo que começou há séculos, mas que se tem acelerado, a nossa maneira de expressar a fé tornou-se incompreensível para quase todos os nossos contemporâneos (até mesmo para muitos praticantes). Mas muitas vezes somos incompreensíveis porque nem sequer tentamos explicar, dando a impressão de que consideramos os nossos interlocutores ignorantes. Ora, ao perceber que não explicamos nada, eles deduzem que a ignorância está do nosso lado, e isso afeta a imagem de toda a Igreja.

¹ Lucas 18,8.

² Mateus 28,20.

Entre os crentes, quem pode apresentar aos não crentes o que entendemos por "Palavra de Deus"? E como podem compreender nossos testemunhos se não conseguimos explicar suas razões? Vejo, por exemplo, que os adolescentes que se preparam para a Crisma frequentemente comparam o que aprendem na escola com o que ouvem na catequese. Quando conseguimos fazer essa conexão, o resultado pode ser realmente maravilhoso (e isso não é tão raro, especialmente quando há professores envolvidos nos dois lados). Mas quando nem tentamos levar em conta as suas perguntas, os adolescentes simplesmente concluem que não há nada a procurar na Igreja. Infelizmente, isso também não é raro, e é uma maneira muito eficaz de afastá-los da Igreja, assim como as suas famílias, por gerações.

Tudo isso levanta questões de formação que não têm lugar nesta carta, mas recordo a existência de cursos de formação cristã para adultos. Há um dever que não diz respeito apenas aos "especialistas":

"Estai sempre prontos a dar a razão da esperança que há em vós, a todo aquele que vo-la pedir."³

Se não conseguimos dizer o que é nossa esperança e quais são suas razões, a esperança transforma-se numa amarga decepção.

Quanto às comunidades cristãs, o nosso processo sinodal também foi uma oportunidade para refletirmos sobre aquilo que venho insistindo desde que me tornei bispo (percebi isso quando alguém me mostrou...). Precisamos de lugares onde nos possamos alegrar ao celebrar a fé numa comunidade viva, na qual tenhamos vontade de voltar. Esses lugares existem entre nós e desempenham um papel importante no acolhimento de novos crentes: se eles não puderem viver a sua fé com alegria, não irão continuar, como demonstra a experiência. Esses polos são, às vezes, centros naturais. Em alguns lugares, não há esses centros, e ouvi uma excelente ideia para tais locais: centros rotativos, onde a comunidade se desloca de uma igreja para outra, domingo após domingo.

Se quisermos ficar presos ao nosso próprio campanário porque "sempre foi assim", esse reflexo é respeitável, mas é uma lógica inconsciente de desaparecimento. Fiquei emocionado ao receber pessoas que, durante

³ 1 Pedro 3,15.

anos, animaram a sua pequena igreja onde já não havia mais missas dominicais; elas vieram até mim com este diagnóstico:

"Tentamos de tudo, mas éramos sempre o mesmo grupo, cada vez menor e a envelhecer, porque apenas aqueles que aprenderam há muito tempo que deviam ir à sua paróquia todo domingo continuavam vindo."

O que essas pessoas fizeram, assim como outras fazem agora, é muito respeitável, mas não substitui os encontros comunitários numa sociedade muito mais móvel e que necessita de encorajamento mútuo. Teremos que renunciar a lugares de culto que amamos, mas isso nos permitirá encontrar a alegria de comunidades vivas, que já vejo e que são forças para o futuro, verdadeiros centros de esperança. É preciso investir mais nas pessoas do que nos edifícios, quando os recursos exigem prioridades. Muitos dos nossos sinais tornaram-se mudos, mas o Senhor está presente, e minha posição permite-me ver muitos efeitos da ação do Espírito Santo. Que a nossa palavra e o nosso testemunho comum os amplifiquem! Eu creio em Deus!

Vosso Bispo
✠ Charles MOREROD

- O texto é para ler como uma homilia nas celebrações de 22 e 23 de março de 2025.
- A carta pastoral pode ser descarregada a partir do 24 de março de 2025 no nosso site internet (secção « A notre propos », sub-rubrica « Évêques », « Mgr Charles Morerod ») : <https://diocese-lgf.ch/nos-eveques/mgr-charles-morerod/lettres-pastorales/>